



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9700 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT22 - Educação Ambiental

PESQUISA NARRATIVA EM DIÁLOGO COM OUTRAS ECOLOGIAS

Andreia Teixeira Ramos - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

PESQUISA NARRATIVA EM DIÁLOGO COM OUTRAS ECOLOGIAS

Resumo

Este texto é um ensaio acerca da pesquisa narrativa em diálogo com outras ecologias com base nos pensamentos de Paulo Freire, de Ailton Krenak e nos estudos com os cotidianos de Nilda Alves. Apresento a arte da escrevivência da literatura de Conceição Evaristo e a escrita de Carolina Maria de Jesus expondo uma carta pedagógica para essa escritora negra como procedimento metodológico da pesquisa narrativa no exercício de pensar em outras ecologias cotidianas que são expostas de modo poético nos seus escritos autobiográficos.

Palavras-chave: Pesquisa narrativa. Ecologias. Educação. Resistência. Carta pedagógica.

Palavras iniciais

Este texto é um ensaio acerca das pesquisas narrativas desenvolvidas desde 2011, iniciadas com as ideias de Humberto Maturana (1999), fazendo uso das conversas tecidas com as redes de conversações nos cotidianos escolares e outros espaços de convivências na aceitação do outro como legítimo.

Com o passar dos anos, a pedagogia de Paulo Freire (2011a, 2014b, 2015a e; FREIRE; GUIMARÃES, 2011a, 2011b, 2015c) foi inserida nos caminhos investigativos com a pesquisa narrativa, a fim de exercitar como potente procedimento metodológico o *diálogo amoroso* (FREIRE, 2014a), lê-se: “não há diálogo, se não há um profundo amor ao mundo e aos [seres humanos]. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo” (FREIRE, 2014a, p. 110). Desse modo, volto meu olhar para as narrativas, envolvendo-me com os *sujeitos da história* (FREIRE, 2009) e da pesquisa, mudando meus modos de exercitar a minha percepção sobre minha própria história, singular e coletiva, que expressam as histórias seculares de um povo.

Na pesquisa narrativa temos alguns gêneros, por exemplo, os seguintes procedimentos metodológicos: “diário de aula, as notas de campo, os memoriais, as cartas pedagógicas [...] e as entrevistas narrativas” (SOUSA; CABRAL, 2015, p. 149), entre outros. Acentuo aqui o procedimento metodológico utilizado dentro das pesquisas narrativas, que é o diário de campo, com base nos estudos com os cotidianos, em que Nilda Alves nos convida a *narrar a vida e literaturizar a ciência*, pois compreendemos que o valor social das narrativas contribui para narrativas – orais e escritas –, rompendo com o modelo hegemônico imposto pela ciência moderna. Desse modo, consideramos “que ‘*conhecimentossignificações*’ surgem em inúmeros ‘*espaçostempos*’ a partir de múltiplas e complexas relações humanas e que se expressam para muito além dos textos escritos” (ALVES *et al.*, 2019, p. 32).

Pensando na pesquisa narrativa com o interesse de *narrar a vida e literaturizar a ciência*, faço uso da pertinente literatura de Carolina Maria de Jesus (2014b), uma escrita revolucionária, autobiográfica e memorialística como resistência. Em seu livro “Quarto de despejo: diário de uma favelada” (2014a), a escritora apresenta uma literatura mergulhada em situações concretas de vulnerabilidade, expondo a desigualdade social e racial com sua visão politizada das realidades que vivia na favela do Canindé em São Paulo, nos anos 1950. Carolina denunciava com seus escritos o que chamamos hoje de racismo ambiental, vivenciando miséria, fome e violência. Uma escrita povoada por sensações, acontecimentos imprevisíveis e temporalidades, que expressa luta, esperança e poética, resistindo aos modos devastadores e delatando suas péssimas condições de vida e os descasos das políticas públicas, racismos vividos por ela.

Com o uso da arte da *escrevivência* de Conceição Evaristo (2016a, 2016b, 2017a, 2017b, 2017c, 2017d), nas pesquisas narrativas, exercito uma criação de escrita de si, a partir das memórias e histórias povoadas de experiências singulares e coletivas. São narrativas coletivas de um processo criativo que nasce de dentro, do lugar das dores, mas também das conquistas, das alegrias, dos amores e das resistências cotidianas.

Na produção de dados na pesquisa narrativa, faço uso das escrituras de cartas pedagógicas com inspirações teórico-metodológicas no pensamento de Paulo Freire quando escreveu “Cartas à Guiné-Bissau” (2011b) e “Cartas a Cristina” (2015b). Esse procedimento metodológico tornou possível a composição de narrativas autobiográficas. O gênero carta é usado com exercício de narrar-se. A epístola é aqui usada com valor pedagógico e metodológico e “como dispositivo de pesquisa no campo da Educação” (BARZANO, 2020, p. 335); assim, as cartas pedagógicas como narrativas autobiográficas são aqui apresentadas como potência metodológica na pesquisa narrativa com a produção de texto e de conhecimentos acerca de outras ecologias cotidianas.

Mas de que modo pensar a pesquisa narrativa em diálogo com outras ecologias cotidianas em tempos de pandemia? De que ecologia estou falando? Como exercitar a pesquisa narrativa na perspectiva de outras ecologias na vida cotidiana? Em tempos de ondas neoconservadoras, Ailton Krenak, um dos maiores pensadores indígenas e ativista do movimento ambientalista no Brasil, nos provoca com ideias para adiar o fim do mundo, no sentido de “experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar” (KRENAK, 2019, p. 26), e acrescento: de sonhar com esperança; não de cruzar os braços e esperar (FREIRE, 2009), mas de, na esperança, lutar e resistir e existir, para sempre poder contar mais uma história para adiar o fim do mundo e continuar com afetos no mundo sensível (KRENAK, 2020a, p. 37-38). Assim, as outras ecologias cotidianas estão relacionadas com o nosso bem viver nas relações de solidariedade dos seres humanos com todas as outras coletividades no mundo e com o mundo.

Metodologia

A pesquisa narrativa dialoga com os estudos dos cotidianos e com grupos de pesquisas que trabalham com outras ecologias, na tessitura dos fios das redes metodológicas, articulando com o campo da educação com inspirações na pedagogia freireana, de modo a intensificar práticas pedagógicas com compromisso ético, estético e político na perspectiva da educação antirracista, anticolonial, a fim de fortalecer a formação de professoras e professores nos cotidianos escolares e em outras redes educativas (ALVES, 2019) que compõem a macro e as micropolíticas cotidianas.

Para a produção de dados na pesquisa narrativa, uso rodas de conversas, registros em diário de campo, fotografias, cartas pedagógicas e autobiográficas, cartões postais, conversas, narrativas, narrativas ficcionais produzidas nos encontros e experiências que atravessaram as vidas daqueles envolvidos e envolvidas no trabalho de campo, apostando em *diálogos amorosos com os sujeitos da história*, que são também protagonistas da pesquisa. Usamos esses procedimentos metodológicos com a intenção de descolonizar os modos de pesquisar e pensar, a fim de exercitar a criação como forma de escrita na pesquisa narrativa, recriando *'espaçostempos'* de afetos, conversações, tensões, conflitos e resistências a partir das experiências com outras ecologias cotidianas em nossas vidas.

Nesse cenário, apresentarei uma carta pedagógica para Carolina Maria de Jesus como procedimento metodológico da pesquisa narrativa no exercício de pensar em outras ecologias cotidianas que são expostas de modo poético na literatura autobiográfica dessa escritora negra, que nasceu no dia 14 de março de 1914 em Sacramento, cidade do interior de Minas Gerais.

CARTA PEDAGÓGICA PARA CAROLINA MARIA DE JESUS

30 de abril de 2020.

Olá, querida Carolina Maria de Jesus, como vai você? Espero que esteja bem e com saúde! Dias passados reli seu diário e deixo aqui registrado alguns fragmentos de sua poética com outras ecologias cotidianas: “20 de julho Deixei o leito às 4 horas para escrever. Abri a porta e contemplei o céu estrelado. Quando o astro-rei começou despontar eu fui buscar água.” (2014a, p. 21) e “23 de julho [...] Eu sou muito alegre. Todas manhãs eu canto. Sou como as aves, que cantam apenas ao amanhecer. De manhã eu estou sempre alegre. A primeira coisa que faço é abrir a janela e contemplar o espaço.” (2014, p. 25). Quero que saiba que seu modo de narrar a vida é inspirador!

Decidi escrever esta carta para te contar um pouco de como andam as coisas por aqui. Em meados do mês de março, fomos surpreendidos por uma pandemia! O vírus se alastrou pelo mundo afora e quem mais sofre e morre de Covid-19 é a população negra da periferia. A nossa luta continua sendo todo dia no enfrentamento dos racismos cotidianos. Como você bem escreveu em seu diário em 1955: “[...] 18 de julho Hoje eu não lavo as roupas porque não tenho dinheiro para comprar sabão. Vou ler e escrever [...]” (2014a, p. 95), “1 de agosto ... — O que a senhora faz? — Eu cato papel, ferro, e nas horas vagas eu escrevo.” (2014a, p. 105) e “23 de agosto [...] Lavei as louças e varri o barraco. Depois fui deitar. Escrevi um pouco. Senti sono, dormi. Acordei várias vezes na noite, com as pulgas que penetram nas nossas casa, sem convite.” (2014a, p. 116).

Quero que saiba que, mesmo com a chegada do vírus mortal e com todo descaso de muitos governantes, a periferia resiste, insiste e persiste com coragem, amor, esperança, redesenhando a vida com solidariedade e afeto, negociando as tensões e os conflitos que emergem na vida cotidiana. Preciso registrar que ler seus escritos fortaleceu minha vida e me ajudou a erguer minha voz, a exercitar e a praticar a arte da *escrevivência* em conexão com a literatura de Conceição Evaristo. Gratidão por tudo! Você é minha inspiração! “Nossos passos vêm de longe”.

Continuarei aqui caminhando, re-existindo e me alimentando com os seus escritos. “21 de julho [...] Passei o resto da tarde escrevendo [...] Esquentei comida. Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do [ser humano].” (2014a, p. 23-24), “28 de maio [...] A vida é igual um livro. Só depois de ter sido lido é que saberemos o que encerra. E nós estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é minha pele. Preto é o lugar onde moro.” (2014a, p. 167), “30 de julho [...] Escrevi até tarde, porque estou sem sono. Quando deitei adormeci logo e sonhei que estava noutra casa. Eu tinha tudo. Sacos de feijão. Eu olhava os sacos e sorria. Eu dizia para o João: — Agora podemos dar um ponta pé na miséria.” (2014a, p. 185) e “16 de agosto [...] Passei a tarde escrevendo. Lavei todas as roupas. Hoje estou alegre.” (2014a, p. 190).

Deixo meu abraço carinhoso, cuide-se e fique bem!

De uma pessoa que te admira!

Finalizar sem concluir

A aposta deste ensaio foi apresentar algumas possibilidades de diversos procedimentos metodológicos da pesquisa narrativa fazendo uso de uma carta pedagógica para Carolina Maria de Jesus, expondo outras ecologias cotidianas como prática de resistência e de luta no exercício poético. A escritora recebeu o título de Doutora Honoris Causa, condecoração póstuma pela Universidade Federal do Rio de Janeiro com a concessão do Conselho Universitário no dia 25 de fevereiro de 2021^[1]. Em tempos de pandemia e pandemônio em que vivemos no Brasil, tal homenagem nos aquece o coração e nos faz esperar e lutar pelo diálogo amoroso, como nos ensinou Paulo Freire. E, em conexão com Ailton Krenak (2020b), convido vocês para juntos caminharmos e exercitarmos em nossos cotidianos outras ecologias com a cultura do bem viver coletivo com poesia, amor, alegria, coragem e boniteza insistir e re-existir cotidianamente com poesia, amor, alegria, coragem e esperança contra todas as formas de opressão.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Sobre redes educativas que formamos e que nos formam. *In*: ALVES, Nilda. **Práticas pedagógicas em imagens e narrativas: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje**. São Paulo: Cortez, 2019. p. 115-133.

ANDRADE, Nivea; CALDAS, Alessandra Nunes; ALVES Nilda. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos – após muitas ‘conversas’ acerca deles. *In*: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PEIXOTO, Leonardo Ferreira; SUSSEKIND, Maria Luiza (orgs.). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docentes** – questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: CRV, 2019. p. 19-46.

BARZANO, Marco Antonio Leandro. Cartas autobiográficas de formação e profissão: experiências de um professor-pesquisador extensionista de Educação Ambiental. **Quaestio**, Sorocaba, SP, v. 22, n. 2, p. 375-390, maio/ago. 2020.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017a.

EVARISTO, Conceição. **Histórias de leves enganos e parencças**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017b.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Rio de Janeiro: Malê, 2016a.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d’água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2016b.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017c.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017d.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011a.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015a.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina: Reflexões sobre minha vida e minha práxis**. São Paulo: Paz e Terra, 2015b.

- FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau**: registros de uma experiência em processo. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011b.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos: São Paulo: Paz e Terra, 2014b.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 58. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014a.
- FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sergio. **Dialogando com a própria história**. São Paulo: Paz e Terra, 2011c.
- FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sergio. **A África ensinando a gente**: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011a.
- FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sergio. **Aprendendo com a própria história**. São Paulo: Paz e Terra, 2011b.
- JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. São Paulo: SESI-SP editora, 2014b.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014a.
- KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhias das Letras, 2019.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhias das Letras, 2020a.
- KRENAK, Ailton. **Caminhos para a cultura do bem viver**. Rio de Janeiro: Conexão, 2020b.

MATURANA, Humberto. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

SOUSA, Maria Goreti da Silva Sousa; CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, v. 33, n. 2, p. 149-158, jul./dez. 2015.

[1] Disponível em: <http://www.cfch.ufjf.br/index.php/27-noticias/1415-consuni-aprova-titulo-de-doutora-honoris-causa-a-carolina-maria-de-jesus>. Acesso em: 16 jun. 2021.